

Heloisa Pontes, intérprete e intérpretes

Bernardo Fonseca Machado¹

PONTES, Heloisa. *Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. São Paulo: EDUSP, 2011. 464 p.

A palavra “intérpretes” oferece a chave de entrada para investigar o livro de Heloisa Pontes: *Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968*. “Intérpretes” são as atrizes do moderno teatro paulista e as críticas do campo intelectual do período. As primeiras representando, no corpo e na voz, as mudanças da metrópole, as seguintes, como tradutoras de uma São Paulo em mutação.

Intérprete é também Heloisa Pontes, cujo livro é resultado da tese de livre-docência defendida no Departamento de Antropologia da Unicamp em 2008. Nele estão reunidos, em um arranjo de comparações complexas, pesquisas e artigos escritos em diferentes momentos da carreira. Alinhados, esses artigos tomam forma de capítulos. Pensados em uma relação especular, isto é, os primeiros rebatendo os últimos, o texto oferece ao leitor a experiência de uma comparação densa entre as relações de gênero e as biografias coletivas.

Heloisa realiza um estudo comparativo entre mulheres oriundas do campo intelectual (a saber, Lúcia Miguel Pereira, Patrícia Galvão e Gilda de Mello e Souza) e atrizes da esfera teatral (Cacilda Becker, Maria Della Costa, Nydia Licia, Tônia Carrero, Fernanda Montenegro e Cleyde Yáconis). A comparação aprofunda-se para além das duas esferas e faz emergir um sistema cultural em formação na cidade de São Paulo dos anos 1940 a 1960. O objetivo geral do texto é realizar um estudo do processo de metropolização de São Paulo na cena teatral e na vida intelectual, acompanhando a trajetória de vida dessa geração de atrizes e intelectuais materializadas em uma cena cultural paulista em plena formação.

1 Mestrando do Departamento de Antropologia Social da USP.
E-mail: bfm@uol.com.br

Os temas que perpassam o livro são diversos: a metrópole, a formação de suas intérpretes, a experiência social e as relações de gênero. Como bem destaca Antonio Arnoni Prado na apresentação do livro, o texto está disposto na forma de um ensaio no qual as diferentes temáticas se entrelaçam e lançam luzes entre si. Não é de estranhar que a própria pesquisadora, oriunda do cruzamento entre antropologia, história, sociologia e literatura, misture referências bibliográficas diversas e apresente um texto repleto de nuances.

O primeiro capítulo do livro é dedicado à comparação entre os membros da revista *Clima* e os participantes da revista nova-iorquina *Partisan Review*. Comparando as duas gerações – e as duas cidades, São Paulo e Nova York –, a autora evidencia as diferenças entre origem social, o lugar do ensaio como gênero de escrita em cada um dos contextos, o impacto e a influência dos exilados europeus e as relações gênero que estavam em jogo. Desse modo, Heloisa lança luz às duas metrópoles que sofriam mudanças significativas em suas estruturas sociais. A presença da universidade e a formação de uma mentalidade acadêmica é elemento constitutivo da geração dos membros da revista *Clima*. Nota-se também a onda de transformações sociais e urbanas que se desenvolveram em cada uma das cidades, gerando a possibilidade de espaços para o recrutamento de novos agentes sociais.

Em seguida, verticalizando o olhar para as intelectuais, Heloisa se debruça sobre as trajetórias de Lúcia Miguel Pereira, Patrícia Galvão e Gilda de Mello e Souza. Pensadas na relação com seus parceiros amorosos e de trabalho, a autora investiga quais escolhas essas mulheres puderam ou não realizar nesse contexto. O ambiente intelectual, majoritariamente masculino, gerava uma sensação de insegurança constante para as mulheres se inserirem nesse campo.

Neste ponto, o livro sofre uma inflexão: a primeira parte, dedicada à esfera intelectual, é colocada em contraste ao campo teatral, tal como um espelho. Deste modo, Heloisa evidencia os contrastes. No teatro as mulheres sentiam-se socialmente seguras para saltos maiores e ousados na São Paulo do período: condições sociais e institucionais permitiram isto. A segunda parte do livro é dedicada à imersão no ambiente de produção teatral de São Paulo.

O terceiro capítulo destaca a influência da figura de dois artistas franceses na cena teatral brasileira dos anos 1940 e 1950: Louis Jouvet e Henriette Morineau. Heloisa ambienta a produção teatral paulista pelo olhar que esses intérpretes lançaram de fora. É na comparação com as referências oriundas da Europa e do sistema teatral já rotinizado francês, que a autora constrói – pela negativa – o ambiente cultural em São Paulo.

Uma vez realizado isso, o livro passa a acompanhar a construção da cena teatral pela geração de mulheres, algo inédito nos livros de história do teatro. É na chave de uma geração de mulheres e de seus parceiros que o texto lança luz ao surgimento do moderno teatro brasileiro.

Artífices capitais desse momento, Décio de Almeida Prado e Cacilda Becker são analisados mais detidamente. A trajetória dos dois é pensada em alinhamento com as novas convenções estéticas que se estavam consolidando no teatro moderno proveniente da Europa – a primazia do texto, a presença do encenador, o trabalho do ator, entre outras. A autora apresenta, aos poucos, a geração de intelectuais e artistas ligados à renovação teatral: interpretando-a e fazendo parte dela. Como destaca o próprio Décio, artífice e intérprete do momento, houve uma sintonia de condições institucionais e de convenções estéticas que produziram a guinada para o moderno teatro brasileiro surgir.

A escolha dos nomes artísticos é o mote para o próximo capítulo, no qual Heloisa apresenta resumidamente a trajetória individual das atrizes do período. Segundo ela, no processo de construção social do artista e da pessoa combinam-se marcadores de gênero, classe e geração. Em seu argumento, os nomes artísticos escolhidos pelas atrizes derivam das relações de gênero e da própria trajetória de vida de cada uma.

O último capítulo analisa a relação entre as atrizes e seus parceiros amorosos e de trabalho. O renome conquistado por elas é inseparável dessas parcerias. Nesse trecho do livro é perceptível o salto analítico dado por Heloisa, que evidencia como a renovação teatral do período esteve entrelaçada não só às convenções estéticas, mas também às relações de gênero e às instituições que surgiram em São Paulo. É neste capítulo que a ótica especular do livro se configura, pois dialoga com a primeira parte, evidenciando a diferença da presença das mulheres no campo intelectual e teatral. As convenções e instituições de cada esfera oferecem possibilidades e limites diferentes para elas. Não se trata de dizer que as mulheres escolhiam livremente suas trajetórias, pelo contrário, suas estratégias e decisões estavam sempre acertadas com o contexto e com os eixos estruturais que as atravessaram. Se as intelectuais sofriam de uma insegurança em um ambiente masculino, as atrizes “mandavam no teatro”.

A conclusão evidencia a presença de um sistema cultural denso e diversificado que se organizou na época. Heloisa aponta como houve convergência entre o teatro, a universidade e a cidade. Sincronicamente estes elementos se alinharam de tal forma que contribuíram para a conformação de um sistema cultural.

Importante destacar também a natureza e propriedade das fontes utilizadas. Lançando mão de grande conjunto de material, Heloisa costura o texto com diversas referências: desde livros editados pelas intelectuais até entrevistas concedidas pelas atrizes em revistas semanais. Depoimentos, fotos, prêmios, críticas as mais diversas servem de material para interpretações e aprofundamento vertical nas trajetórias individuais. Partindo desse conjunto de dados, a autora consegue traçar as tão ricas comparações.

Comparar, por sinal, é o verbo que permeia todo o texto. A autora compara as intelectuais brasileiras com as intelectuais nova-iorquinas; analisa a relação das parcerias das intelectuais brasileiras com seus parceiros de trabalho; em seguida, desenvolve o argumento comparando as parcerias das intelectuais com as parcerias das atrizes; reflete sobre as diferentes variáveis das parcerias das atrizes, e assim por diante.

Ao final da leitura pode-se constatar que Heloisa fez uma escolha adequada dos objetos de pesquisa e do período analisado. O elenco de nomes escolhidos nas duas esferas de produção cultural foi fundamental no processo de renovação dos padrões de criação em cada campo. Os intérpretes de *Clima* foram responsáveis pela construção de interpretações sobre a história da cultura brasileira que ganharam fôlego e duração. As intérpretes teatrais alteraram não só a cena paulistana e brasileira como também as convenções estéticas e práticas teatrais, estabelecendo um marco definidor para a história do teatro. Além disso, o recorte temporal permite captar o período de transição significativa dos padrões sociais na cidade de São Paulo.

Entre intérpretes e interpretações, Heloisa trabalha tecendo um texto que elucida a conexão entre convenções estéticas e experiência social. Sob o eixo do gênero, as duas noções assumem uma dimensão nova que oferece um olhar preciso para pensar a formação do sistema cultural paulistano do período. Essas intérpretes da metrópole – oriundas do campo intelectual e da esfera teatral – traçaram seus destinos misturados à cidade, às parcerias amorosas e ao próprio trabalho. Traduziram uma nova versão de São Paulo, marcando sua geração e as posteriores.